



**“Pontos de vista de uma mulher”: Giacomo Leopardi  
“traduzido” por Bruna Becherucci n’*O Estado de São Paulo***

***“A Woman’s Points of View”: Giacomo Leopardi “Translated”  
by Bruna Becherucci in O Estado de São Paulo***

Ingrid Bignardi

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil  
CAPES

ingridbignardi@gmail.com

Andréia Guerini

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil  
CNPq

andrea.guerini@gmail.com

**Resumo:** A presença do escritor italiano Giacomo Leopardi (1798-1837) na imprensa brasileira é constante desde meados do século XIX até os dias atuais. Há um vasto material produzido por escritores, intelectuais e jornalistas, que está “escondido” nas hemerotecas, bibliotecas e acervos físicos e digitais. No rastro desses materiais e com o objetivo de contribuir com o delineamento de uma história da recepção de Leopardi no Brasil, este artigo analisa o conjunto de ensaios sobre Leopardi, publicado no período de 1949 a 1967, na coluna “Pontos de vista de uma mulher”, do jornal *O Estado de São Paulo*, assinada por Bruna Becherucci. A análise parte dos conceitos de “tradução cultural” e dos polissistemas literários e conclui que Bruna Becherucci serviu de mediadora cultural na divulgação de Leopardi no Brasil, abordando temáticas mais ou menos conhecidas que permeiam a obra do escritor italiano e ainda fazendo aproximações pouco usuais de Leopardi com outros escritores. Os artigos de Bruna Becherucci, em suas “traduções culturais”, fazem com que os sistemas literários brasileiro e italiano não apenas conversem entre si, mas também constituam trocas de bens culturais que formam um rico repositório para a construção da história da recepção de Leopardi no Brasil.

**Palavras-chave:** Leopardi; recepção; imprensa; sistema literário; tradução cultural.

**Abstract:** Italian writer Giacomo Leopardi (1798-1837) has been regularly mentioned in the Brazilian press since the mid-nineteenth century. A vast amount of material produced by writers, intellectuals and journalists has been “hidden” in newspapers, libraries, and digital and physical collections. In an effort to contribute to the history of Leopardi’s reception in Brazil, this article analyzes a series of essays on Leopardi published in the newspaper *O Estado de São Paulo* between 1949 and 1967 in a column called “Pontos de vista de uma mulher” (A woman’s points of view), which was attributed to Bruna Becherucci. Based on concepts of “cultural translation” and literary polysystems, the analysis concludes that Becherucci served as cultural mediator in the dissemination of Leopardi in Brazil, addressing more or less known themes in Leopardi’s work and making unusual connections between him and other writers. Becherucci’s articles on “cultural translation” indicate that the Brazilian and Italian literary systems not only communicate with one another, but their exchange of cultural goods forms a rich repository for constructing the history of Leopardi’s reception in Brazil.

**Keywords:** Leopardi; reception; the press; literary system; cultural translation.

Ao tratar da teoria dos polissistemas, Itamar Even-Zohar enfatiza que a literatura dialoga com outros sistemas e esses estão sempre em contato. Essa teoria apresenta a ideia de que um sistema semiótico pode ser concebido de forma aberta e heterogênea, já que consiste em “um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com intersecções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções concorrentes, mas que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes” (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 3). O termo sistema, dentro da Teoria dos Polissistemas, deveria comprometer-se com o “funcionalismo dinâmico”, ou seja, com a grande rede de relações capazes de propor hipóteses para um determinado conjunto de dados analisáveis (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 22). No que concerne a este artigo, o conjunto de dados analisáveis compreende os textos de jornais escritos por Bruna Becherucci na coluna “Pontos de vista de uma mulher”, do jornal *O Estado de São Paulo*, no período de 1949 a 1967.

Convém destacar que obras literárias e a crítica se movem dentro de um grande polissistema e são veiculados por diferentes agentes, entre eles a imprensa. No Brasil, os jornais e revistas, por um determinado tempo, foram responsáveis por introduzir autores e obras no sistema cultural. Esse movimento também pode ser analisado à luz da “tradução cultural”, que procura descrever os encontros culturais e como eles se

relacionam e dialogam (BURKE, 2009). Não por acaso, Burke (2009) estabelece dentro da “tradução cultural” um modelo que tem por base a imprensa.

Esse modelo inclui jornais com colunas, cadernos e suplementos que tratam de temas literários. Foi o que ocorreu com Giacomo Leopardi, um dos mais importantes autores italianos, que aparece no Brasil, pode-se dizer, graças à divulgação na imprensa. Sua presença no país remonta ao século XIX, conforme já mostrado por Ingrid Bignardi em *Leopardi na Imprensa Brasileira do século XIX: poeta ou prosador?* (2015) e *Leopardi na Imprensa Brasileira do Século XX (1901 a 1930): Tradução Cultural* (2018). Nessas duas pesquisas, a autora inicialmente rastreia os momentos nos quais Giacomo Leopardi começou a circular pelas páginas dos jornais e revistas brasileiros, a partir de buscas nos acervos digitais de *O Estado de São Paulo*, assim como na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional Brasileira. Na sequência, mostra que a circulação do autor ganhou intensidade nos periódicos a partir dos primeiros anos do século XX (1901-1910), com as crônicas de Wenceslau de Queiroz, Leonardo Mascello, Ruffino Singapura, J. dos Santos, Artur Goulart, Alfonso Péres Nieva e J.C. e, ainda, com a veiculação de traduções de partes da sua obra nas revistas *Careta* e *Fon-Fon*, ou nas traduções de Rui Barbosa, publicadas no jornal *A Noite*.

Nos rastros de elementos para compor a história da recepção de Leopardi na imprensa brasileira que remonta ao século XIX, conforme mostrado por Andréia Guerini e Ingrid Bignardi no estudo intitulado *Giacomo Leopardi na imprensa brasileira do século XIX* (GUERINI, BIGNARDI, 2015), encontramos um conjunto de textos, publicado no período de 1949 a 1967, na coluna “Pontos de vista de uma mulher”, do jornal *O Estado de São Paulo*, assinada por Bruna Becherucci. São 20 artigos que tratam direta e indiretamente do escritor italiano. Com a análise dessa amostra, busca-se verificar como se deu a circulação de Leopardi nesse período e como Bruna Becherucci “traduziu” Leopardi para o contexto brasileiro. Dessa forma, pretende-se contribuir para o delineamento de uma história da recepção de Leopardi no Brasil, à luz de aspectos da “tradução cultural” e dos polissistemas literários.

Bruna Becherucci<sup>1</sup> (1904-1988) foi escritora, ensaísta e tradutora. Sua atuação principal se deu como crítica literária em grandes jornais e revistas, com destaque para as décadas de 1940 a 1960. Nesse período, escreveu artigos sobre autores da literatura brasileira como Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e outros. No que concerne a autores estrangeiros, escreveu sobre Sartre, Virginia Woolf, Eliot e dedicou várias páginas da coluna “Pontos de vista de uma mulher” a Giacomo Leopardi.

A coluna “Pontos de vista de uma mulher”, produzida entre 1949 e 1975, foi veiculada no jornal *O Estado de São Paulo*, um dos mais antigos e ainda em circulação nos dias de hoje. A história desse periódico inicia no chamado Brasil Império, mais especificamente em 1875, com o nome de *A Província de São Paulo*. Conforme José Alfredo Vidigal Pontes, o jornal foi fundado por “16 pessoas reunidas por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, concretizando uma proposta de criação de um diário republicano [...] com o propósito de combater a monarquia e a escravidão” (PONTES)<sup>2</sup>.

Um mês após a queda da monarquia e a instauração da república, o jornal modificou seu nome para *O Estado de São Paulo*. Na virada do século XIX para o século XX, fez parte de um movimento que Nelson

---

<sup>1</sup> “Nascida na Itália, Bruna Becherucci passou a infância e juventude na região de Genova [sic]. Formou-se em Letras Gregas e Latinas, especializando-se em literatura contemporânea da Europa, Estados Unidos e Brasil. Tia dos jornalistas Luís e Mino Carta, ela chegou ao Brasil no final da década de 1940, indo morar com a irmã, Clara, casada com Gianino Carta, [...] [na] revista cultural Anhembi, na qual Bruna Becherucci, no início dos anos 50, escreveu suas primeiras críticas literárias e também comentários sobre peças teatrais. Logo depois, passou a trabalhar como redatora na sucursal da Ansa, a agência noticiosa italiana, uma atividade que lhe facilitou o domínio da língua portuguesa. Depois de se destacar como colaboradora do antigo *Suplemento Literário do Estado*, Bruna Becherucci escreveu comentários para as revistas *Veja*, *Isto É* e *Vogue* e, nos últimos anos, para o *Jornal da Tarde*. A admiração pelo escritor mineiro Guimarães Rosa, a quem chamava de ‘Revolucionário do Século XX’, estimulou-a a traduzir para o italiano o conto ‘O duelo’, publicado numa revista de literatura da Itália. Ela também escreveu ensaios sobre obras de autores italianos, entre outros, os escritores Alberto Moravia e Cesare Pavese e os poetas Eugênio Montale e Salvatore Quasimodo.” (EX-CRÍTICA..., 1988, p. 11).

<sup>2</sup> A referência é um artigo assinado por José Alfredo Vidigal Pontes que se encontra em meio eletrônico, sem informação de data e não paginado.

Werneck Sodré (1977, p. 5) denominou, em sua *História da Imprensa Brasileira*, de “industrialização da imprensa”. Nesse momento, o então redator Júlio de Mesquita promoveu uma série de modificações no jornal em nível técnico e iniciou o seu relacionamento com a agência de comunicação Havana.

Na primeira metade do século XX, o periódico sempre se posicionou politicamente, apoiando, por exemplo, a candidatura de Getúlio Vargas em 1930. Pouco tempo depois, tornou-se oposição. Com isso, era de se esperar que, após a Revolução Constitucionalista, em 1932, e a Intentona Comunista, em 1935, o jornal, em 1937, sofresse a censura do Estado Novo, no chamado movimento de “empastelamento”. Após o fim da Segunda Guerra Mundial e o suicídio de Vargas, o jornal se reergueu financeiramente e ampliou o seu grupo editorial. Talvez por isso tenha inserido uma diversidade de cadernos, entre eles, o *Página Feminina*, e dentro dele, a coluna “Pontos de vista de uma mulher”, assinada por Bruna Becherucci.

A década de 1950 foi a mais profícua para a crítica literária no *Estado de São Paulo*. Nesse período foram publicados cerca de 300 artigos na coluna “Pontos de vista de uma mulher”, que, como sugere o nome, era dedicada ao público feminino. Tinha como intuito inicial proporcionar um certo grau de educação para as leitoras daquele periódico, além de cobrir os principais eventos sociais da elite do período.

Entretanto, embora sua produção atendesse a essas temáticas, Bruna Becherucci mudou o perfil de uma produção cultural feminina mais direcionada aos costumes (moda, culinária e hábitos) para contribuir com a formação de um perfil mais crítico da mulher. A coluna passou a oferecer às leitoras textos sobre literatura e cinema. Em relação aos artigos sobre literatura/crítica literária, Bruna Becherucci escreveu sobre autores brasileiros e estrangeiros (como os da literatura francesa e inglesa), nutrindo especial apreço pela literatura e cultura italianas. Não por acaso, dedicou a Giacomo Leopardi 20 artigos, como veremos a seguir.

Entre as 20 ocorrências encontradas, 10 foram catalogadas por Dileia Zanotto Manfio em “La Fortuna del Leopardi nella cultura Brasileira” (1979). Mariagrazia Russo também menciona os escritos de Becherucci no livro *Um só dorido coração: Implicazioni Leopardiane nella cultura letteraria di lingua portoghese* (2003):

Nos anos 50, a imprensa continua ainda protagonista de temas leopardianos. Em *O Estado de São Paulo*, entre julho de 1956 e o mês de janeiro sucessivo saem três artigos assinados por Bruna Becherucci (*Leopardi não pode ser romancista; Tristain Corbière, o Leopardi da Bretanha; Existe uma filosofia leopardiana*); e em 1958 aparecem duas traduções de textos leopardianos, traduzidos por Pontes de Paula Lima (respectivamente 15 de agosto e 21 de novembro).<sup>3</sup> (RUSSO, 2003, p. 226).

Russo (2003, p. 226) trata esse material como “contribuições esporádicas”, talvez por não ter tido acesso ao conjunto do material publicado, pois dos 20 artigos com a temática identificados neste trabalho na coluna de Becherucci, 11 tratam diretamente de Leopardi. São eles: “Existe uma filosofia leopardiana?” (14 dez. 1952); “Primavera Leopardiana” (03 abr. 1953); “O precursor da angústia moderna” (06 fev. 1959); “‘La Ginestra’ de Leopardi” (09 abr. 1953); “O mito da aventura: O Infinito leopardiano” (06 ago. 1954); “Corcunda Estranho” (25 set. 1953); “Irmã de Leopardi” (18 set. 1953); “Silvio Sarno, Personagem irrealizado” (19 ago. 1949); “Leopardi não pode ser romancista” (24 jul. 1959); “Existe afinidade entre Kafka e Leopardi?” (28 jan. 1967) e “Tristain Corbière, o Leopardi da Bretanha” (11 jan. 1957). Os outros 9 artigos mencionam Leopardi indiretamente. São eles: “A Morte Estética” (03 fev. 1950); “A Princesa Romântica” (28 ago. 1953); “A melancolia de Amiel” (02 abr. 1954); “Gide e Maria Celeste” (07 maio 1954); “O Mito de Kafka” (25 jan. 1957); “O Retorno do Poeta Moutak” (12 set. 1957); “A Solidão de Emily Dickinson” (30 maio 1958); “Revisão de Carducci” (27 fev. 1959) e “O Mistério de Jozsef” (12 nov. 1959).

Além desses artigos, a coluna de Becherucci publicou duas traduções de Leopardi feitas por Pontes de Paula Lima, uma de “O Infinito”, em 15 de agosto de 1958, a pedido de Leila Abramo, em um espaço intitulado *A Mulher e a Poesia*; e, posteriormente, em 21 de

<sup>3</sup> Negli anni '50 la stampa periodica risulta ancora protagonista per i temi leopardiani. “O Estado de São Paulo”: tra il luglio del 1956 e il mese di gennaio dell'anno successivo escono tre articoli a firma di Bruna Becherucci (*Leopardi não pode ser romancista; Tristain Corbière, o Leopardi da Bretanha; Existe uma filosofia leopardiana*); e nel 1958 appaiono due traduzioni di testi leopardiani (*L'Infinito* e *A Silvia*) ad opera di Pontes de Paula Lima (rispettivamente il 15 agosto e il 21 novembre).

novembro de 1958, foi publicada a tradução de “A Silvia”, a pedido de Giulietta Masina.

Os 11 artigos diretamente ligados a Leopardi podem ser divididos em quatro grandes temas: Filosófico (seção 1 deste artigo); Poético (seção 2); Biográfico (seção 3) e Comparado (seção 4), conforme descrevemos e analisamos abaixo.

## **1 Filosófico**

Nessa temática, identificamos três artigos nos quais Bruna Becherucci reflete sobre os aspectos filosóficos das obras de Leopardi. No primeiro, “Existe uma filosofia leopardiana?”, publicado em 14 de dezembro de 1952, ela tenta esclarecer o que é essa filosofia. A escritora comenta que essa é uma das principais indagações dos estudiosos de Leopardi. Então, para responder a essa questão, diz, por exemplo, que o *Zibaldone di pensieri* “[...] seria sempre a expressão de íntimas emoções, postas em forma clara, mas sem nenhuma intenção filosófica” (BECHERUCCI, 1952, p. 63). Contudo, a autora parece se contradizer ao longo do artigo, pois ao mesmo tempo em que define o pensamento de Leopardi como sendo exposto de “forma clara” relata a dificuldade em defini-lo, visto que é um pensamento “[...] tão variável, discordante, mutável – ora polemico, ora resignado, ora decididamente cético”<sup>4</sup> (BECHERUCCI, 1952, p. 63).

Aliás, sobre o ceticismo em Leopardi, a autora parece ter dialogado com os argumentos de Otto Maria Carpeaux, em seu texto “Uma fonte de filosofia de Machado de Assis”, publicado em 12 de setembro de 1948, no jornal *Folha de São Paulo*. Nesse artigo, Carpeaux comenta sobre a característica materialista e o ceticismo presentes nos dois autores. Porém, enquanto Carpeaux propõe uma ligação entre o materialismo e o ceticismo,<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> As transcrições dos trechos dos artigos de jornais mantêm a grafia da época em que foram publicados.

<sup>5</sup> Otto Maria Carpeaux explicita a relação entre materialidade e ceticismo em Leopardi e diz, em seu ensaio publicado no ano de 1948, na *Folha de São Paulo*, que: “Em Leopardi também se encontra o motivo que sugere a impressão de ceticismo ao leitor de Machado de Assis. Como materialista epicurista, o erudito gregista Leopardi e o “mulato grego” Machado seriam ‘pagãos’; mas na verdade não existem pagãos depois do advento do cristianismo. Fica, até nos anticristãos, o estímulo da inquietação espiritual, do ‘ceticismo’ pascaliano. Machado foi leitor de Pascal.”

Bruna Becherucci se posiciona do lado oposto, negando a materialidade de Leopardi e afirmando o seu ceticismo, pois, para ela: “Não se pode, porém, aceitar a tese de um Leopardi materialista, pois ele não repete passivamente e não acolhe convencido as teorias do iluminismo francês; seus conceitos são, antes, os de um ceptico” (BECHERUCCI, 1952, p. 63).

No artigo “Primavera Leopardiana”, publicado em 03 de abril de 1953, a partir do tema “primavera”, representado no canto “Alla Primavera o delle favole antiche”, a autora comenta pontos-chave da filosofia de Leopardi, como o tédio, e discute a “ética leopardiana”. No texto, coloca em paralelo os “antigos” e os “modernos”, pontuando questões como a natureza, a ilusão e o sentimento humano, ressaltando que Leopardi foi um escritor na divisa entre tempos: “Desprendido de tudo quanto era época e do tempo a que pertencia, Leopardi volta-se muitas vezes para trás, a mirar o mundo clássico que teve o culto soberano da beleza e viveu de fantasia e experiências universais” (BECHERUCCI, 1953a, p. 4). Para a colunista, apesar de ter sido, mesmo que de modo reduzido, absorvido pelo romantismo, o escritor de Recanati tinha algumas características modernas que, inicialmente, não foram percebidas pelos próprios modernos, como a originalidade. Isso porque Leopardi “[...] não se dobra a conceitos e interpretações do fenômeno que não sejam rigorosamente originais. A originalidade faz parte do seu espírito e não é extravagância e nem polemica” (BECHERUCCI, 1953a, p. 4). Nesse mesmo artigo, a autora analisa a produção poética de Leopardi com base nos conceitos de tédio, inutilidade e desânimo para então abordar o tema da primavera. A autora afirma que as poesias de Leopardi são permeadas de imagens vivas e em certa medida sinestésicas. Contudo, segundo ela, Leopardi se diferencia dos demais escritores por trazer o que ela considera um tema tão trabalhado de modo original.

Ao mostrar a primavera em Leopardi, inicia com as imagens produzidas na poesia “Delle favole antiche”, para depois evidenciar a ligação do autor italiano com os mundos antigo e moderno: “Lamenta as fabulas ilusórias dos antigos e confronta-as com o moderno saber científico que lhe parece negativo com referência ao fascínio da natureza, a qual já agora, não tem nenhum mistério para o homem” (BECHERUCCI, 1953a, p. 4). É nesse ponto que a autora mostra a ação da natureza e a angústia do homem através do pensamento de Leopardi.

Bruna Becherucci também fala em uma “ética” leopardiana, quando afirma, por exemplo, que:



Essa impaciência pela não participação da natureza aos acontecimentos pessoais do homem é um conceito-base, uma constante da ética leopardiana; é o pensamento dominante; pensamento triste, segundo o qual o homem está só, deve bastar-se a si próprio, a natureza de que ele também faz parte é lhe estranha, quando não madrasta; segue o seu imperturbável e matemático ciclo de fenômenos e nunca toma parte nas aventuras humanas. (BECHERUCCI, 1953a, p. 4).

Podemos pensar que a ética em Leopardi aqui exposta por Becherucci seja representada pela natureza, na definição dada no artigo anterior de uma “ética não-transcendente”, dentro do desordenado sistema filosófico leopardiano que se expressa na forma de livres pensamentos. A autora conclui o artigo destacando como os antigos e modernos compreendem a natureza e como esse tema, juntamente com a pátria, é uma constante na obra de Leopardi.

Em “O precursor da angústia moderna”, publicado em 06 de fevereiro de 1959, a colunista, além de destacar o aspecto da modernidade em Leopardi, reflete sobre o conceito de tédio, elemento-chave na obra do autor, e a sua mais adequada tradução ao português. Bruna Becherucci inicia com a tradução de um trecho de uma das “Operette Morali” (LEOPARDI, 1959) intitulada “*Dialogo di Tasso e il suo genio familiare*”, no qual aparece a ideia de tédio. Becherucci propõe traduzir o conceito de tédio (*noia*) como angústia. Isso porque, segundo ela, o sentimento causado em Leopardi e a forma como ele se posiciona perante a vida é angustiada, conforme podemos ler abaixo:

Pois outra coisa não é essa impotência para superar o tédio, a melancolia que as ações, as ocupações e tampouco os sentimentos conseguem vencer, senão angústia, apreensão pelo futuro, senso de solidão e de insegurança, em suma, os males da atualidade. (BECHERUCCI, 1959a, p. 40).

Um aspecto mencionado no artigo é que determinados elementos que a crítica literária considera como sinais de pessimismo em Leopardi são, na verdade, a ação do tédio, que para Becherucci torna-se uma teoria filosófica, que se constitui como:

[...] um eco das fecundas negações estóicas do que um prelúdio às estereis negações existencialistas, enquanto isso o modelo de Pascal serve para colocar ‘[...] o tédio como estado normal da existencia, de que o homem só se liberta pela intervenção de acidentes fora do comum, em todo o caso mais ou menos transitórios, um dos quais é a dor.’ (BECHERUCCI, 1959a, p. 40).

Becherucci contextualiza a experiência do tédio em Leopardi através do conceito de ilusão e da postura da Natureza como “*matrigna/madrasta*”. Para a autora, essa experiência fez com que “Leopardi não soubesse discernir em tamanha angustia o remedio, nem identifica-lo com a operosidade, fisica ou intelectual, nem com a fé. Estranho, portanto, ao mundo infinito e ao finito” (BECHERUCCI, 1959a, p. 40). Tudo isso foi agravado pela “[...] dupla condição de homem e de artista, à procura de uma perfeição que está além de qualquer realidade” (BECHERUCCI, 1959a, p. 40).

## 2 Poética

No conjunto de textos relacionados ao que denominamos como “poética”, Bruna Becherucci se atém principalmente aos *Canti*. Nessa parte também incluímos as duas traduções de Pontes de Paula Lima que foram publicadas na coluna de Becherucci.

Em “‘La Ginestra’ de Leopardi”, de 09 de abril de 1953, Bruna Becherucci realiza uma análise formal do poema que leva esse nome e também recupera alguns aspectos filosóficos. O artigo inicia com uma análise descritiva e formal do poema e de suas estruturas, depois evidencia o forte caráter filosófico que possui. Esse caráter, segundo Becherucci, mostra-se no confronto da natureza com o gênero humano, recuperando a ideia da ética leopordiana, exposta no artigo “Primavera Leopordiana”. Esse confronto, segundo a autora, acontece por meio da giesta: “[...] a giesta é meio e pretexto para uma diatribe filosofica e humana, demasiado austera. O homem apequenado, [...] julga-se o rei da terra e não passa de um minuscuro ser, cheio de soberba à mercê dos elementos” (BECHERUCCI, 1953b, p. 6).

A autora comenta ainda que Leopardi, em alguns trechos de sua obra, tenta se defender da acusação de ser misantropo e, para isso, ele “Deseja uma aliança defensiva dos homens. Para lá chegar, devem todos depor os ódios, as soberbas, e os orgulhos que os isolam, e lutar

contra o perigo comum – a Natureza” (BECHERUCCI, 1953b, p. 6). A autora conclui o artigo elogiando o modo como Leopardi descreve a natureza. Entretanto, critica-o por terminar o canto com uma discussão filosófica mais densa e repetitiva. Para Becherucci, o canto de Leopardi deveria terminar no início da quarta estrofe, “[p]orém, continua, volta às ‘demonstrações’, repete os conceitos já expostos, amplificamos” (BECHERUCCI, 1953b, p. 6). Sendo assim, para ela seriam “desnecessárias” esta repetição e amplificação dos conceitos filosóficos.

O artigo “O mito da aventura: ‘O Infinito’ de Leopardi”, de 06 de agosto de 1954, faz parte de série intitulada “O mito da aventura”, promovida dentro da coluna de Becherucci, que discutiu sobre: o mito moderno, o mito em Molière, o mito em Gulliver, o mito da aventura em *O Ulisses* de Dante e o mito da aventura na lírica “O Infinito”, de Leopardi. No caso específico, Becherucci faz uma análise mais literária do que estrutural do poema de Leopardi, destacando a ação da natureza em relação aos homens. Essa análise inicia com o princípio da aventura em “O Infinito” de Leopardi que é “[...] determinada por uma dor heróica” (BECHERUCCI, 1954a, p. 12). Ainda na introdução, a autora coloca como constante o tema da indiferença da natureza perante o homem.

Na análise, a autora diz: “[...] O encontro, a ardua viagem do homem pelo universo da especulação, a sua aventura da fantasia, o seu naufrágio no mar desse misterio, são excepcionalmente serenos” (BECHERUCCI, 1954a, p. 12). Coloca a sebe como um dos poucos elementos concretos dentro do poema, que suscita “[a] imaginação [que] não precisa de outros fatores sensíveis para que a aventura intelectual seja completa e real” (BECHERUCCI, 1954a, p. 12). A limitação causada pela sebe e a tensão entre finito e infinito superada pela imaginação geram uma visão que “[...] é visão no sentido próprio e não abstração filosófica – o espírito parece alcançar um equilíbrio e um acordo com o universo” (BECHERUCCI, 1954a, p. 12). Ao final da análise, mostra a relação da natureza com o homem e o significado do naufrágio. No primeiro item, a escritora diz que o eu-lírico “[i]dentificado com o grande Todo, o espírito encontra-se com a imensidade do cosmo, com o infinito, e nele se anula” e, ainda, coloca o “naufragar do pensamento” como um ato de fé, em que “[o] pensamento deixa-se docemente vencer e docemente naufraga, aceitando um enigma maior que a inteligência e a experiência do homem” (BECHERUCCI, 1954a, p. 12).

Embora tenha tratado sobre o poema “O Infinito” no artigo de 06 de agosto de 1954, somente em 15 de agosto de 1958 é que ela publica em sua coluna a tradução, realizada por Pontes de Paula Lima, que foi tradutor de teatro entre as décadas de 1960 e 1970:

FIGURA 1 – Tradução de *O Infinito* por Francisco Pontes de Paula Lima



D. LELIA ABRAMO — Há mais de seis meses São Paulo aplaude, no Teatro de Arena, uma nova peça brasileira e aclama esta atriz comovendo e grande, numa interpretação belíssima. Lélia Abramo é “Ramona”, em “Eles Não Usam Black-Tie”. Saída, recentemente, do espetáculo, o crítico mineiro João Etienne Filho declarou, com razão, que, da sua família de artistas e intelectuais, Lélia Abramo é, no momento, “a rainha”. Fomos procurá-la, para que nos sugerisse um poema. “Há tantos...” hesitou. “Lucy Teixeira é uma jovem cujas poesias têm-me encantado ultimamente. Escreve em português e em italiano. É os clássicos: Petrarca, Dante...” Optou pelo “infinito” porque, desde pequena, o conheço e ama. Este retrato foi tirado quando a atriz nos mostrou uma coleção de aquarelas da senhora sua mãe, senhora também do quadro que enriquece esta composição.

### *A Mulher e a Poesia*

#### L'INFINITO

GIACOMO LEOPARDI

*Sempre caro mi fu quest'ermo colle,  
E questa siepe, che da tanta parte  
Dell'ultimo orizzonte il guardo esclude.  
Ma sedendo e mirando, interminati  
Spazi di là da quella, e sovrumani  
Silenzi, e profondissima quiete  
Io nel pensier mi fingo; ove per poco  
Il cor non si spaura. E come il vento  
Odo stormir tra queste piante, io quello  
Infinito silenzio a questa voce  
Vo comparando: e mi sovvien l'eterno,  
E le morte stagioni, e la presente  
E viva, e il suon di lei. Così tra questa  
Immensità s'annega il pensier mio;  
E il naufragar m'è dolce in questo mare.*

#### O INFINITO

*Eu sempre amei esta colina erma  
E esta sebe, que, por tanto lado,  
O ultimo horizonte aos olhos veda.  
Mas, sentado e fitando,  
Em pensamento vejo interminos espaços além dela—  
Sobre-humanos silencias, fundissima quietude. Af,  
Quase se me amedronta o coração.  
E, ouvindo o vento tempestuar entre estas frondes  
Eu aquele silencio infinito a esta voz  
Comparo: e evoco o eterno,  
As mortas estações e a presente e viva,  
E o seu rumor. Assim,  
A imensidão me afoga o pensamento,  
E o naufragar me é doce, neste mar.*

Tradução de P. de P. Lima

Fonte: Acervo *O Estado de São Paulo*.

No artigo “Corcunda Estranho”, de 25 de setembro de 1953, apesar de ser mais biográfico, apontando para a relação que Leopardi tinha com Recanati “Il Borgo Selvaggio”, a relação do autor com a cidade é analisada pelo prisma dos cantos “L’Infinito”, “Passero solitario” e “Le Ricordanze”, entre outros. Becherucci destaca que o autor era “[...] um homem de sensibilidade [...] [que] estava fadado a sofrer mais”

(BECHERUCCI, 1953e, p. 39). Entretanto, o sofrimento de Leopardi não se justificava apenas pelo lugar, visto que esse também lhe possibilitou escrever sua mais famosa lírica. Becherucci desloca sua interpretação de colocar o sofrimento de Leopardi vinculado estritamente ao lugar (Recanati) para o sofrimento derivado das relações familiares e sociais.

O artigo aponta que a primeira composição de Leopardi que tratava da falta desse “espaço” é o canto “Passero Solitario”, porque mostra “[...] uma grande parte do seu isolamento, da sua timidez, que ele analisou com clareza científica e desapiedada no poema, poeticamente perfeito [...]” (BECHERUCCI, 1953e, p. 39). Depois, ela tenta compreender o que faz Leopardi ser um “estrangeiro” em sua própria terra natal. É a partir de então, do poema “Le Ricordanze”, mais especificamente na segunda estrofe e seus versos iniciais, que a autora constrói todo o seu artigo:

Nè mi diceva il cor che l’età verde  
Sarei dannato a consumare in questo  
*Natio borgo selvaggio, intra una gente*  
*Zotica, vil; cui nomi strani, e spesso*  
Argomento di riso e di trastullo  
(LEOPARDI, 1974, p. 71, grifos nossos)

Para Becherucci, esse não pertencimento de Leopardi à sua cidade natal ocorre muito mais pela sua “genialidade” do que propriamente pelo lugar ou pelo seu aspecto físico. Os habitantes de Recanati “Não o sentiam [Leopardi] como um dos seus, não devido à diferença de classe social ou da idade, mas por algo que o tornava diferente e o isolava como um estrangeiro que lá tivesse aparecido por acaso ou a contragosto” (BECHERUCCI, 1953e, p. 39).

Ao postular a condição de Leopardi como gênio, a autora nos leva a entender que essa condição o afastou da sociedade, pois “aquele jovem solitario muitas vezes mirava a pequena humanidade com lagrima nos olhos, e sentia-se infeliz pela sua propria incapacidade espiritual de mesclar-se a ela, de tomar parte na sua vida, como teria desejado” (BECHERUCCI, 1953e, p. 39).

Dentro da temática “poética”, podemos ainda destacar a publicação da tradução do canto “A Silvia”, realizada também por Pontes de Paula Lima, em 21 de novembro de 1958:

FIGURA 2 – Tradução do poema *A Silvia*

# A SILVIA

Giacomo Leopardi

Silvia, rimembri ancora  
 Quel tempo della tua vita mortale,  
 Quando bella splendea:  
 Negli occhi tuoi ridenti e fuggitivi,  
 E tu, lieta e pensosa, il limitare  
 Di gioventù salivi?  
 Sonavan le quiete  
 Stanze e le vie dintorno,  
 Al tuo perpetuo canto,  
 Allor che all'opre femminili intenta  
 Sedevi, assai contenta  
 Di quel vago avvenir che in mente avevi.  
 Era il maggio odoroso: e tu solevi  
 Così menare il giorno.  
 Io gli studi leggiadri  
 Talor lasciando e te sudate corte,  
 Ove il tempo mio primo  
 E di me si spendea la miglior parte,  
 D'in su i veroni del paterno ostello  
 Porgea gli orecchi al suon della tua voce,  
 Ed alla man veloce  
 Che percorrea la faticosa tela.  
 Mirava il ciel sereno,  
 Le vie dorate e gli orti,  
 E quinci il mar da lungi, e quindi il monte.  
 Lingua mortal non dice  
 Quel ch'io sentiva in seno.  
 Che pensieri soavi,  
 Che speranze, che cori, o Silvia mia:  
 Quale allor ci appariva  
 La vita umana e il fato!  
 Quando sovvenni di cotanta speme,  
 Un affetto mi preme  
 Acerbo e sconsolato,  
 E tornami a doler di mia sventura.  
 O natura, o natura,  
 Perché non rendi poi  
 Quel che prometti allor? perché di tanto  
 Inganni i figli tuoi?  
 Tu pria che l'erbe inavidisse il verno,  
 Da chiuso morbo combattuta e vinta,  
 Perivi, o tenerella. E non vedevi  
 Il fior degli anni tuoi;  
 Non ti molceva il core  
 La dolce lode or delle negre chiome,  
 Or degli sguardi inonorati e schivi;  
 Nè teco le compagne ai dì festivi  
 Ragionavan d'amore.  
 Anche peria fra poco  
 La speranza mia dolce: agli anni miei  
 Anche negarò i fatti  
 La giovinezza. Ah! come,  
 Come passata sei,  
 Cara compagna dell'età mia nova,  
 Mia lacrimata speme!  
 Questo è quel mondo? questi  
 I diletti, l'amor, l'opre, gli eventi  
 Onde cotanto ragionammo insieme?  
 Questa la sorte delle umane genti?  
 All'apparir del vero  
 Tu, misera, cadesti; e con la mano  
 La fredda morte ed una tomba ignuda  
 Mostravi di lontano.

(Dos "Canti").

Silvia, lembra-te ainda  
 Daquele tempo da vida mortal,  
 Quando no teu olhar risonha e fugidio  
 Belceza resplandia  
 E tu, alegre e pensativa, o limiar transpunhas  
 Da Juventude?  
 As salas sossegadas ressoavam  
 Ao teu perpétuo canto  
 E a rua em torno,  
 Quando, atenta aos trabalhos feminis,  
 Sentavas-te, contente  
 Com o difuso porvir que em mente contemplavas.  
 Era o fragante maio: e costumavas  
 Assim passar o dia.  
 Eu os caros estudos  
 Então deixando e os papéis fatigantes,  
 Em que o tempo primeiro e a melhor parte  
 De mim se dispendiam,  
 Sobre os beirais do lar paterno  
 O ouvido dava ao som da tua voz  
 E á mão veloz  
 Que percorria e trabalhosa tela.  
 Ollutava o céu sereno,  
 Os dourados caminhos, os canteiros  
 Depois o mar, distante, e o monte, após.  
 Língua mortal não diz  
 O que eu sentia então.  
 Que avelhos pensamentos  
 Que esperanças, que coros, Silvia minha!  
 Assim nos parecia,  
 Então, a vida e o faço humano!  
 E ao me lembrar de tamanha esperança  
 Uma emoção me oprime  
 Desconsolada e acerba.  
 E volta-me a doer a minha desventura.  
 Oh natureza, oh natureza,  
 Porque depois não dáis  
 O que então prometteis? Por que tanto  
 Os filhos teus iludes?  
 Antes que o inverno os prados ressecasse,  
 Por escondido mal combatida e vencida,  
 Morrestes, oh terrazinha. E não viste  
 A flor da idade tua;  
 Não te abraçava o seio  
 Doce louvor á negra cabeleira  
 Nem ao olhar esquivo e enamorado;  
 Nem amigas contigo em feriado  
 Conterazaram de amor.  
 Também, pouco depois,  
 Minha doce esperança perecia; aos dias meus  
 Também negou o fado  
 Juventude. Ah! como,  
 Como passaste,  
 Oh companheira de meu tempo novo,  
 Meu pranteado anseio  
 E este aquele mundo? Estas  
 As obras, os delícias os eventos, o amor,  
 De que tanto falamos juntamente?  
 Este o destino da humana gente?  
 Ao surgir da verdade  
 Tu, misera, caíste; e a tua mão  
 Na distância mostrava  
 Um tumulo despidio e a morte fria.

Tradução livre de P. de Paula Lima.

Fonte: Acervo *O Estado de São Paulo*

Essa tradução foi realizada a pedido da atriz Giulietta Masina, conforme podemos ler no trecho abaixo:

Giulietta Masina não hesitou um segundo quando lhe pedimos a sugestão. “Leopardi”, foi dizendo, “A Silvia”. – Por que esse poema? “Porque gosto dele. Pediu-me que escolhesse um poema, escolho este” [...] Masina, a estrela mais inteligente do cinema italiano, escolhe agora “A Silvia”. (BECHERUCCI, 1958, p. 39).

A não hesitação na escolha do poema “A Silvia” por Giulietta Masina se deve ao fato de ela o considerar como o mais sublime de todos os poemas de Leopardi, conforme declara em entrevista concedida a Becherucci:

“A Silvia” é um dos cantos mais sublimes que escreveu Leopardi e o poeta Leopardi é dos mais sublimes que a Itália deu ao mundo. Em seus quase 39 anos de vida – morreu em 1837 – escreveu obra a que apenas se compara à do próprio Dante. “Egli è d’una grandezza smisurata, ‘spaventevole’”, escreveu Pietro Giordano, quando Leopardi não tinha mais de vinte e um anos. (BECHERUCCI, 1958, p. 39).

Becherucci, que também é tradutora,<sup>6</sup> ainda comenta sobre a tradução realizada por Francisco Pontes de Paula Lima, dizendo que: “Às leitoras que desconhecem o italiano sugerimos ler a tradução ao lado, fiel mas imperfeita, como simples auxílio para a leitura imediata do original, de indiscutível e assombrosa perfeição” (BECHERUCCI, 1958, p. 39).

### 3 Biográfica

Na temática “Biográfica”, temos o artigo “Irmã de Leopardi”, publicado em 18 de abril de 1953, no qual Bruna Becherucci fala sobre o relacionamento do autor italiano com Paolina. Em um primeiro momento, o artigo coloca Giacomo Leopardi como um rebelde em um ambiente sombrio, principalmente por causa da sua relação conturbada com a mãe. A autora relata, ainda, que a relação entre Leopardi e Paolina era muito amigável e fraternal. Esse afeto era perceptível na troca de cartas e no canto que Leopardi dedicou à irmã. Em um segundo momento, a colunista destaca algumas afinidades entre os irmãos, de modo que Paolina “[...] tinha em comum com o irmão a imaginação vivaz, o espírito pronto, o senso crítico, a impaciência diante de qualquer limite físico e espiritual, a sede de afeto e a trágica afinidade no profundo ‘taedium vitae’, no desejo de morrer” (BECHERUCCI, 1953d, p. 6).

---

<sup>6</sup> Becherucci traduziu partes das *Operette Morali*, *Pensieri* e *Canti*; e, ainda, pequenos excertos de Guimarães Rosa para o italiano como por exemplo os contos “O Duelo” e “O outro lado da margem”. Ela também é autora de um livro em italiano publicado em 1975 pela editora Eda intitulado *Brasile: un continente*.

Essa relação entre Leopardi e Paolina fez com que Giacomo Leopardi compusesse um canto para a noite de núpcias da irmã, “Nelle nozze della sorella Paolina”, de 1821. Contudo, como destaca Bruna Becherucci, o casamento não ocorreu. A autora finaliza o texto comentando que Paolina acompanhou a vida de Leopardi mesmo fora de Recanati e que a morte do irmão lhe causou grande impacto.

O artigo “Silvio Sarno, Personagem irrealizado”, de 19 de agosto de 1949, aborda pela primeira vez o romance inacabado de Leopardi, o qual lembra as sinfonias inacabadas. Para a autora, “[o] irrealizado, na arte, é muito mais angustiante do que o incompreensível na natureza” (BECHERUCCI, 1949, p. 44). Outra característica mostrada no texto é o aspecto autobiográfico de Leopardi em Sarno e a sua relação moral que fez com que

[...] esse protagonista não teve [tivesse] a força de viver, não logrou tornar-se concreto, evadindo da imaginação do autor e envolvendo-se naquela dose de verdade moral e física com que devem ser construídas das personagens de um conto que queira reproduzir a vida. (BECHERUCCI, 1949, p. 44).

Essa relação moral a autora explorou no artigo “O Corcunda Estranho”, de 29 de setembro de 1953, já mencionado neste texto.

Retomando “Silvio Sarno, Personagem irrealizado”, nele a autora faz um breve resumo do romance que consistiria

[...] na história, privada do extraordinário, de um jovem infeliz e inquieto que deseja ardentemente viver e com a mesma intensidade aguardava a morte. Esta contradição – talvez aparente – foi o tema constante e doloroso da vida do próprio Leopardi. (BECHERUCCI, 1949, p. 44).

Becherucci afirma que Leopardi não soube lidar com as exigências do próprio gênero literário que é o romance. Em contrapartida ela diz que:

Talvez Ortis e Werter pareçam menos humanos do que esta criatura que não nasceu. Menos autênticos, sobretudo. São mais ativos, vivem também fora de si mesmos, ganhando consistência de tudo que os rodeia, persona e coisas, dos acontecimentos e da própria lógica de sua vida. Sarno, pelo contrário, não é dinâmico: ele permanece princípio e fim de si mesmo; nada lhe acontece. (BECHERUCCI, 1949, p. 44).



Outra característica que faz do romance de Leopardi e de seu personagem irrealizáveis é o pouco apelo estético. Segundo Becherucci, no romance de Leopardi, “Sarno morre modestamente, sem alarde. Colocado no sepulcro da família, dele não resta outra memória na cidade onde foi conhecido, mais do que qualquer outro jovem morto sem feitos e sem fortuna” (BECHERRUCI, 1949, p. 44). A questão do apelo estético parece ser central para Becherucci, tanto que 10 anos depois, no artigo “Leopardi não pode ser romancista”, ela abordou as nuances da morte em Silvio Sarno e, um ano depois, em 1950, referindo-se a Leopardi no artigo “A morte estética”, insistiu no fato de a morte em Leopardi ser algo sem estética.

Em “Leopardi não pode ser romancista”, publicado em 24 de julho de 1959, Bruna Becherucci tenta explicar os motivos de Leopardi não ter escrito o seu romance e por que ele não pode ser considerado um romancista. Trata ainda sobre as características do personagem Silvio Sarno, deste futuro romance de Leopardi, que não foi publicado, em comparação com personagens como Werther de Goethe e Jacopo Ortis de Foscolo. O artigo de Becherucci também reflete sobre o motivo desse romance não ter sido publicado. Ela diz: “Ao contrario de Werther e Iacopo Ortis, Sarno não teria representado uma época histórica e uma revolução literária, mas uma vida de um homem, a do próprio Leopardi” (BECHERUCCI, 1959b, p. 37). E é justamente por representar apenas o indivíduo que Leopardi não conseguiu, segundo Becherucci, material suficiente para compor um romance. Para ela, “Muito se podia dizer sobre Sarno, mas pouco se podia contar. Com a sua vida espiritual seria possível encher o cosmo, mas as suas aventuras físicas teriam preenchido no máximo algumas páginas” (BECHERUCCI, 1959b, p. 37).

Ainda na perspectiva comparada, a autora aponta para a característica dos heróis que compõem a figura de Werther e Ortis e para a diferença da figura de Sarno, em que cuja trajetória:

Não viveu, quase não nasceu. Permaneceu um projeto, uma esperança, talvez. Dele Leopardi notou uma impressão fugidia, um sentimento passageiro, um aspecto indistinto. As notas, ao contrario, se detêm na morte. Antes de fazê-lo nascer, pensou na sua morte; antes de delinear a crônica da sua vida, traçou em poucas palavras a história da sua morte, pois esta seria a grande, a única aventura do herói. (BECHERUCCI, 1959b, p. 37).

Para mostrar as nuances da morte dentro das notas de Silvio Sarno, Bruna Becherucci faz uma seleção de fragmentos e os traduz dentro do artigo, conforme reproduzimos abaixo:

<b>Appunti e abozzi per un romanzo autobiografico<sup>7</sup></b>	<b>Tradução de Bruna Becherucci<sup>8</sup></b>
[...] si discorrerà per due momenti in questa piccola città della mia morte e poi ec., apri la finestra ec. era l'alba ec. ec. non aveva pianto nella sua malattia se non di rado ma allora il vedere ec. per l'ultima volta ec. comparare la vita della natura e la sua eterna giovinezza e rinnovamento col suo morire senza rinnovamento appunto nella primavera della giovinezza ec. pensare che mentre tutti riposavano egli solo, come disse, vegliava per morire ec (p. 15)	No fim comentar-se-á nessa pequena cidade a sua morte, durante dois momentos, depois... abriu a janela, era de madrugada, ele não chorara na sua enfermidade senão raramente. Porém, então, ao ver, ao comparar a vida da natureza e a sua eterna juventude... pensar que enquanto todos repousavam somente ele velava....
[...] fu posto (sotterrato) nel sepolcro della famiglia, e di lui non resta altra memoria nella città dove solamente fu conosciuto (tra appresso quanti lo conobbero) che di qualunque altro giovane morto senza fatti e senza fortuna. (p. 16)	Foi enterrado no sepulcro da família, e dele só resta, na cidade em que mal o conheceram, uma memória semelhante à de qualquer outro jovem, morto sem acontecimentos e sem fortuna.
[...] mori senza lagnarsi nè rallegrarsi, ma sospirando com'era vissuto, [...] (p. 15)	Morreu sem se queixar nem se regozijar, mas suspirando como vivera.
[...] mio giacere d'estate allo scuro a persiane chiuse colla luna annuvolata e caliginosa allo stridore delle ventarole consolato dall'orologio della torre ec., (p. 14)	à noite jaz no escuro com as venezianas fechadas, e se consola com o relógio da torre?

Bruna Becherucci no texto refere-se ao “pouco valor estético” que a obra teria. Além disso, as outras possíveis características que poderiam compor o romance, como os traços da natureza, para ela já estariam ditas nas outras obras de Leopardi como os *Canti* e as *Operette*. Sendo assim, “[...] Silvio Sarno não viveu. Não contou a sua história física, pobre e monotona. A espiritual já estava esculpida num monumento perene” (BECHERUCCI, 1959b, p. 37).

<sup>7</sup> Extraído de LEOPARDI (2010).

<sup>8</sup> Extraído de BECHERUCCI (1959b).

#### 4 Comparada

Nessa temática estão os textos “Existe afinidade entre Kafka e Leopardi?”, de 28 de janeiro de 1967, em que Becherucci traça semelhanças e diferenças biobibliográficas entre Kafka e Leopardi e “Tristan Corbière, o Leopardi da Bretanha”, publicado em 11 de janeiro de 1957, que não foi possível recuperar para esta análise no acervo do jornal *O Estado de São Paulo*.

Em “Existe afinidade entre Kafka e Leopardi?”, Becherucci realiza, como sugere o título, uma aproximação entre os dois autores. Ela inicia comentando sobre o crescente interesse da crítica sobre Kafka, perpassando de forma panorâmica os estudos analíticos e biográficos de Kafka e as traduções de sua obra publicadas no Brasil. Destaca, ainda, que o interesse da crítica literária por Kafka muitas vezes reproduz um retrato confuso do autor. A comparação entre os dois autores no artigo deve ser feita com ressalvas. Uma das primeiras comparações diz respeito à forma de viver de Kafka e Leopardi, pois para ela: “É certo que essas duas vidas sofreram uma tragédia igual: a tristeza como parte íntima de sua natureza, o pranto inato ao homem, ligado provavelmente a uma quase total falta de fé” (BECHERUCCI, 1967, p. 34). Outro aspecto que, para ela, aproxima os dois escritores é a forma como o sofrimento e a dor estão presentes em suas vidas, já que “O sofrimento leopardiano encontra-se com o kafkiano na dor como na ironia [...]. Ironia que, em Kafka, transforma-se algumas vezes em calma e estupendo humorismo. [...] e, em Leopardi, na sabia, benevola filosofia de sua prosa [...]” (BECHERUCCI, 1967, p. 34).

Esse sofrimento e essa dor estão presentes também, segundo Becherucci, na “recusa paterna” de ambos os lados. Recusa essa relacionada também ao âmbito materno, pois já no artigo “O mito de Kafka”, publicado anteriormente, Becherucci argumentava sobre um

[...] despotismo paterno – como ocorreu com o materno no caso de Leopardi – [...] [em Kafka] faz remontar os estados de angústia, o complexo de inferioridade, a falta de confiança em si, o sentimento da culpa, que dominaram a vida do jovem. (BECHERUCCI, 1957b, p. 24).

Nesse mesmo artigo a autora comenta sobre a vida contraditória de Kafka e como ele amou sua vida, assim como Leopardi amou a vida

dele, ambos em suas breves existências: “Quanto ao mais, uma conduta aberta, leal, clara diante da vida, que ele amou através das restrições do seu temperamento, da sua desesperada impotência espiritual, como Leopardi a amou” (BECHERUCCI, 1957b, p. 24).

Para finalizar a aproximação entre Kafka e Leopardi, Becherucci utiliza dois personagens autobiográficos presentes na literatura dos autores. São eles o personagem “K”, de Kafka, presente nas obras *O Processo* e *O Castelo*, e o personagem “Silvio Sarno” de Leopardi, presente nas notas de um futuro romance inacabado. Ambos os personagens são autobiográficos e incompletos e têm como características “[...] fazer de si próprio o herói central do universo [...]” (BECHERUCCI, 1967, p. 34). Outra característica dos personagens mencionada no artigo é o seu modo desadaptado em um determinado ambiente, para ela: “[...] existe nas notas [de Leopardi] a imagem recorrente de um belo e inacessível ‘palazzo’ à luz da lua, que faz pensar no inacessível castelo Kafkiano [...]” (BECHERUCCI, 1967, p. 34).

A incompletude dos personagens mencionada anteriormente reflete no final que cada personagem tem, enquanto “K” “[...] [t]ermina com a derrota das suas aspirações terrenas. De Silvio Sarno, ao contrário, no qual certamente o autor queria retratar-se, Leopardi previu o fim, antes de criar a história” (BECHERUCCI, 1967, p. 34).

Além desses 11 artigos, identificamos ao longo do período de veiculação da coluna “Pontos de vista de uma mulher” outros nove que mencionam indiretamente o autor italiano: “A Morte Estética” (03 fev. 1950); “A Princesa Romântica” (28 ago. 1953); “A melancolia de Amiel” (02 abr. 1954); “Gide e Maria Celeste” (07 maio 1954); “O Mito de Kafka” (25 jan. 1957); “O Retorno do Poeta Moutak” (12 set. 1957); “A Solidão de Emily Dickinson” (30 maio 1958); “Revisão de Carducci” (27 fev. 1959) e “O Mistério de Jozsef” (12 nov. 1959).

Em “A Morte Estética”, de 03 de fevereiro de 1950, a autora aborda os tipos de “morte estética”, sendo o seu exemplo principal e fonte de partida a morte do autor inglês Shelley. Nesse texto, Becherucci parte da própria biografia do escritor inglês, associado à visão romântica da época, trazendo e discutindo elementos como o amor universal, individualismo, existência e natureza. Além disso, a colunista aponta que, apesar das homenagens e da própria morte de Shelley ter “satisfeito” os intuítos românticos, esses não eram totalmente compatíveis com o escritor inglês. Segundo Becherucci, esse fato se tornará mais evidente

quando “[h]oje julgamos infinitamente mais austera e solene a humilde morte de Leopardi em seu leito de doença, e sua morte sem evocações clássicas e sem teatralidade” (BECHERUCCI, 1950, p. 6).

Em “A Princesa Romantica”, de 28 de agosto de 1953, a autora inicia o artigo criticando o fato de os historiadores e críticos não darem importância à “princesa romântica” Carlota Bonaparte. Depois de apresentar uma breve biografia da princesa e destacar seus defeitos físicos, Becherucci comenta sobre a relação entre Leopardi e Carlota: “Giacomo Leopardi, que a conheceu em Florença e frequentou o seu salão, ficou encantado pelos seus belíssimos olhos e sobretudo pela sua excepcional inteligência” (BECHERUCCI, 1953c, p. 6). Nesse diálogo, a autora diz que “[o] album de Carlota foi parar nas mãos de Leopardi, o qual, pouco versado em galanteria, ficou embaraçado, sem saber o que escrever. De fato, escreveu um elogio bastante insípido: ‘Sois feita para fascinar os espíritos e os corações’” (BECHERUCCI, 1953c, p. 6). Nessa parte a autora traduz um trecho da carta que Leopardi enviou a Carlota, em 1833.

No artigo “A melancolia de Amiel”, de 02 de abril de 1954, a colunista aborda o diário de Henri Amiel (1821-1881), e fala sobre a melancolia presente nesse diário e como essa melancolia dialoga com a de Leopardi. Para Becherucci, o diário de Amiel “[...] é uma confissão de ‘filho do século’: [que] caracteriza espiritualmente a época em que foi composto e a passagem desta para a seguinte” (BECHERUCCI, 1954b, p. 40). É nesse diário que Amiel define a melancolia como algo que: “Tornou-se um sentimento que não reage, não chora nem geme, mas tam pouco luta. E’ como um sudário de névoa que amortece os sentimentos elevados, os desejos, as paixões” (BECHERUCCI, 1954b, p. 40). Em outro trecho há a definição de melancolia de Leopardi, que é: “horível paixão, ou antes, despaixão da alma” (BECHERUCCI, 1954b, p. 40). A autora analisa o texto, comentando sobre a importância do diário de escritores como Amiel e Leopardi que são como “[...] a história de uma vida de um homem, e o documento da melancolia de uma época” (BECHERUCCI, 1954b, p. 40).

Em “Gide e Maria Celeste”, de 07 de maio de 1954, é destacado o papel de Maria Celeste como tradutora da obra de André Gide. No texto, a autora comenta sobre uma tradução para o italiano de *Feuilles de Route*, obra que traz elementos sobre a natureza, a condição humana e que dialoga com a perspectiva de Leopardi. Ao comentar sobre as características da obra *Feuilles de Route*, a qual teve uma tradução

publicada incompleta por Maria Celeste em italiano, Bruna Becherucci elenca como um dos elementos principais da obra a relação entre natureza e a humanidade. Apesar de essa relação ter ressonância em Leopardi, Becherucci diz que Gide foi mais duro em relação aos homens e à natureza: “Nem Leopardi e Schopenhauer escreveram palavras tão terríveis sobre a condição humana” (BECHERUCCI, 1954c, p. 40).

Em “O Retorno do Poeta Moutak”, de 12 de setembro de 1957, a autora analisa a poesia de Montale, sem deixar de mencionar que esse autor foi fortemente influenciado por Leopardi. A principal influência, segundo ela, está relacionada à melancolia. Montale inicia o seu percurso com a coletânea *Ossi di Seppia*, que é “[...] seca, sem ornamento, quase nua, como um osso de siba [...]” (BECHERUCCI, 1957c, p. 7). Em um pequeno trecho, Bruna Becherucci comenta sobre as semelhanças entre Montale e Leopardi:

Montale tem de Leopardi as grandes melancolias e os alarmantes problemas (de fato chamaram-no o Leopardi moderno). Porém mais que rebelião, há nele um desolado espanto e uma triste surpresa; senso oprimente de uma inelutável condenação; e a vida como uma marcha monótona e fatigante ao longo de uma alta e intransponível muralha. (BECHERUCCI, 1957c, p. 7).

No artigo “A Solidão de Emily Dickinson”, de 30 de maio de 1958, Becherucci faz um paralelo entre Dickinson e Leopardi, usando os elementos solidão e natureza. A solidão e o isolamento vividos por Dickinson geraram grandes resultados poéticos e um dos temas constantemente trabalhados é o da natureza: “Temas da natureza e do espírito são levados a um limite extremo, são um pretexto para mergulhar os olhos no além, para evocações imaginárias de mundos ultra-terrenos” (BECHERUCCI, 1958, p. 39). É a partir do sentimento de Dickinson acerca da solidão, do isolamento e da temática da natureza que Bruna Becherucci estabelece um paralelo entre essa autora e Leopardi, ao comentar que:

Essa solitaria não atingiu as aluras leopardianas ao tratar o tema imenso da natureza, mas tão pouco sentiu o pânico e a angústia de Leopardi diante do mistério da criação. Ao contrário, não raro a poetisa deixa-se levar a imagens maneirasas, a um formalismo substancial, a uma retórica gratuita na sua posição de interprete da natureza. (BECHERUCCI, 1958, p. 39).

Após essa breve aproximação entre os escritores, Becherucci define a poesia de Dickinson como uma “poesia de ecos cósmicos”, em que a solidão, o isolamento, a vida campestre e o amor são elementos cruciais.

Em “Revisão de Carducci”, de 27 de fevereiro de 1959, Becherucci coloca Leopardi como o representante de um perfil europeu na primeira metade do século XIX. Em paralelo, Carducci aparece para a autora como representante de um regionalismo italiano, pois “Ele [Carducci] nada criou de novo que possa ser lei, norma, para os homens e os poetas que o seguiram, porque se manteve estranho aos árduos problemas morais da sua época em particular, e de todas em geral” (BECHERUCCI, 1959c, p. 40). Ao mesmo tempo em que Becherucci fala que Carducci não criou nada de novo, ela dá ao poeta uma posição importante para a literatura europeia, ao afirmar:

Todavia, Carducci representou algo na literatura européia: o estenuo defensor do ideal estético que havia informado artistas e poetas do mundo clássico, que Roma havia transmitido aos bárbaros, e a Renascença Italiana a todos os povos civilizados. (BECHERUCCI, 1959c, p. 40).

Essa estranheza de Carducci à sua época e às demais reflete também no seu caráter regionalista e não europeu. Para a escritora, Carducci foi:

Criado num lugarejo nem sequer livre, ele se cultivou “nos livros”, permanecendo estranho aos vastos horizontes e às perspectivas independentes através das quais a cultura italiana, na primeira metade do século XIX, se projetava num plano europeu com Foscolo, *Leopardi* e Manzoni. Já de Carducci não se pode dizer que foi europeu. (BECHERUCCI, 1959c, p. 40, grifo nosso).

Em “O mistério de Jozsef”, de 12 de novembro de 1959, Bruna Becherucci faz um estudo biográfico do escritor húngaro Atila Jozsef e elenca algumas semelhanças entre ele e Leopardi. Como diferença entre ambos, a colunista destaca que Leopardi, diferente de Jozsef, decidiu não se suicidar. Becherucci define a obra de Jozsef como cheia de “sentimentos diversos, imagens fascinantes e mutabilidade” (BECHERUCCI, 1959d, p. 70). É uma obra em que os pontos principais são o amor, o drama e a natureza com base na própria experiência do autor. Ao mencionar Leopardi, ela diz:

Mas a dureza da vida favoreceu o poeta, não se deu o mesmo com o homem que, enfermo dos nervos e desesperançado, não obstante o grito de amor que é a sua poesia, se suicidou em 1937 aos trinta e dois anos apenas. Bastou-lhe tão pouco tempo para se exprimir como a Leopardi que morreu pouco mais velho que ele, mas que, mais estoico, esperou a morte sem apressá-la. (BECHERUCCI, 1959d, p. 70).

Como se pode perceber, o conjunto desses 9 artigos mencionados acima reflete o enorme apreço que a jornalista tinha por Leopardi, estando o escritor italiano presente em muitas das análises comparadas de Becherucci.

### **Considerações Finais**

A atuação de Bruna Becherucci em “Pontos de Vista de uma Mulher”, do jornal *O Estado de São Paulo*, foi vasta e diversificada. Apesar de ser ainda pouco estudada no âmbito das Letras, sua coluna serviu como uma espécie de mediador cultural, fazendo circular no sistema literário brasileiro autores e obras de diferentes nacionalidades. Ganha destaque o fato de ela ter dedicado vários artigos ao escritor italiano Giacomo Leopardi. Nesse sentido, Becherucci mostra ter um amplo conhecimento sobre o escritor de Recanati, pois aborda temas que permeiam a sua obra, como natureza, tédio, solidão e pessimismo. Ademais, fez aproximações pouco usuais ao colocar em comparação Leopardi com Kafka e Emily Dickinson e, ainda, trata de um aspecto pouco abordado pela crítica em geral – que se ateve ao poeta dos *Canti* e ao prosador das *Operette Morali* –, isto é, fala de Leopardi como autor de um romance inacabado, faceta pouco conhecida do escritor italiano.

Os artigos de Becherucci, em seu conjunto, separados pelas temáticas propostas, mas também nos rastros da comparação, permitem compreender a forma como Giacomo Leopardi era lido, interpretado e traduzido culturalmente através das páginas dos jornais. Além disso, os artigos de Bruna Becherucci, em suas “traduções culturais”, fazem com que os sistemas literários brasileiro e italiano não apenas conversarem entre si, mas também constituam trocas de bens culturais que formam um repositório que serve de arquivo para compreender o cenário do polissistema de uma determinada época e para a construção da história da recepção de Leopardi no Brasil.



## Referências

BECHERUCCI, Bruna. La Ginestra' de Leopardi. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 6, 9 abr. 1953b. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1953/04/09/m/19530409-23899-nac-0006-999-6-not.jpg>. Acesso em: 12 jan. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. A melancolia de Amiel. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 40, 2 abr. 1954b. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1954/04/02/m/19540402-24202-nac-0040-fem-12-not.jpg>. Acesso em: 2 fev. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. A Morte Estética. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 6, 3 fev. 1950. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1950/02/03/m/19500203-22922-nac-0006-999-6-not.jpg>. Acesso em: 3 fev. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. A Princesa Romantica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 6, 28 ago. 1953c. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1953/08/28/m/19530828-24018-nac-0006-999-6-not.jpg>. Acesso em: 8 dez. 2018.

BECHERUCCI, Bruna. A Solidão de Emily Dickinson. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 39, 30 maio 1958. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1958/05/30/m/19580530-25482-nac-0039-fem-4-not.jpg>. Acesso em: 30 jan. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. Corcunda Estranho. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 39, 25 set. 1953e. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1953/09/25/m/19530925-24042-nac-0039-fem-15-not.jpg>. Acesso em: 25 jan. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. Existe afinidade entre Kafka e Leopardi?. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 34, 28 jan. 1967. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1967/01/28/m/19670128-28156-nac-0034-lit-2-not.jpg>. Acesso em: 28 jan. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. Existe uma filosofia Leopardiana?. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 63, 14 dez. 1952. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1952/12/14/m/19521214-23803-nac-0063-999-63-not.jpg>. Acesso em: 14 dez. 2018.

BECHERUCCI, Bruna. Gide e Maria Celeste. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 40, 7 maio 1954c. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1954/05/07/m/19540507-24231-nac-0040-fem-12-not.jpg>. Acesso em: 05 jan. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. Irmã de Leopardi. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 6, 18 set. 1953d. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1953/09/18/m/19530918-24036-nac-0006-999-6-not.jpg>. Acesso em: 18 dez. 2018.

BECHERUCCI, Bruna. Leopardi não pode ser romancista. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 37, 24 jul. 1959b. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1959/07/24/m/19590724-25837-nac-0037-fem-5-not.jpg>. Acesso em: 24 jan. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. O Mistério de Jozsef. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 70, 12 nov. 1959d. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1959/11/12/m/19591112-25932-nac-0070-fem-10-not.jpg>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BECHERUCCI, Bruna. O mito da aventura: O infinito leopordiano. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 12, 6 ago. 1954a. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1954/08/06/m/19540806-24309-nac-0044-fem-12-not.jpg>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BECHERUCCI, Bruna. O Mito de Kafka. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 24, 25 jan. 1957b. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1957/01/25/m/19570125-25071-nac-0024-fem-10-not.jpg>. Acesso em: 25 jan. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. O precursor da angustia moderna. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 40. 6 fev. 1959a. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1959/02/06/m/19590206-25696-nac-0040-fem-8-not.jpg>. Acesso em: 10 fev. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. O Retorno do Poeta Moutak. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 7, 12 set. 1957c. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1957/09/12/m/19570912-25265-nac-0007-999-7-not.jpg>. Acesso em: 07 fev. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. Primavera Leopardiana. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 4, 3 abr. 1953a. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1953/04/03/m/19530403-23894-nac-0004-999-4-not.jpg>. Acesso em: 3 jan. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. Revisão de Carducci. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 40, 27 fev. 1959c. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1959/02/27/m/19590227-25713-nac-0040-fem-4-not.jpg>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. Silvo Sarno, Personagem irrealizado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 44, 19 ago. 1949. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1949/08/19/m/19490819-22779-nac-0006-999-6-not.jpg>. Acesso em: 20 fev. 2019.

BECHERUCCI, Bruna. Tristain Corbière, o Leopardi da Bretanha. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 jan. 1957a.

BIGNARDI, Ingrid. *Giacomo Leopardi na Imprensa Brasileira do Século XX (1901 a 1930)*: Tradução Cultural. 2018. 269 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

BIGNARDI, Ingrid. *Leopardi na Imprensa Brasileira do século XIX: Poeta ou Prosador?*. 2015. 167 f. Monografia (Graduação em Letras - Língua Italiana e Literaturas, Língua e Literaturas Estrangeiras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BURKE, Peter; HSIA, Ronnie Po-chia (org.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2009v2n24p258>.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. *Revista Translatio*, Porto Alegre, n. 5, p. 2-21, 2013. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez%20/works/papers/trabajos/Portugues/Even-Zohar\\_2013--Teoria%20dos%20polissistemas.pdf](http://www.tau.ac.il/~itamarez%20/works/papers/trabajos/Portugues/Even-Zohar_2013--Teoria%20dos%20polissistemas.pdf). Acesso em: 20 de novembro de 2018.

EX-CRÍTICA do “Estado” morre aos 84 anos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1988. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/1988/08/03/g/19880803-34797-nac-0011-999-11-not-paapxph.jpg>. Acesso em: 20 fev. 2019.

GUERINI, Andréia; BIGNARDI, Ingrid. Giacomo Leopardi na imprensa brasileira do século XIX. *Appunti Leopardiani*, n. 9, v. 1, p. 22-28, 2015. <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition09/artigos/Giacomo-Leopardi-na-imprensa-brasileira-do-seculo-XIX.php>.

LEOPARDI, Giacomo. *Appunti e abbozzi per un romanzo autobiografico*. Organização de Angelo Fregnani. Cesena: Fregnani, 2010. 28 p. Disponível em: [http://www.fregnani.it/leopardi/studi/Abbozzi\\_romanzo.pdf](http://www.fregnani.it/leopardi/studi/Abbozzi_romanzo.pdf). Acesso em: 20 fev. 2019.

LEOPARDI, Giacomo. *Canti*. Milano: Einaudi; Rizzoli, 1974. Disponível em: [http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume\\_8/t346.pdf](http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_8/t346.pdf). Acesso em: 20 dez. 2018.

LEOPARDI, Giacomo. *Operette Morali*. A cura di Francesco Flora. Milano: Einaudi, 1959. Disponível em: [http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume\\_8/t345.pdf](http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_8/t345.pdf). Acesso em: 20 dez. 2018.

MANFIO, Diléia Zanotto. *La Fortuna del Leopardi nella cultura Brasiliana*. 1978. 252 f. Monografia (Graduação em Letras e Filologia) – Departamento de Instituto di Filologia e Letteratura Italiana, Università Degli Studi di Padova, Padova, 1979.

PONTES, José Alfredo Vidigal. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>. Acesso em: 20 dez. 2018.

RUSSO, Mariagrazia. *Um só dorido coração: Implicazioni leopardiane nella cultura letteraria*. Viterbo: Sette Città, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1977.

Recebido em: 11 de março de 2019.

Aprovado em: 13 de junho de 2019.